

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE
PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA**Psicopatologia, fenomenologia e relação terapêutica:
reflexões sobre o papel da incerteza no diagnóstico
fenomenológico**

Miguel Almada Horta Montero
Garlana Lemos de Sousa

A experiência clínica psicoterápica convida seus participantes constantemente a encontrar-se com os mais diversos e particulares mundos vividos, como exercício constituinte do próprio fazer do psicoterapeuta. Um ponto de particular inflexão, no entanto, propõe-se no início do contato clínico dos estudantes de psicologia com um outro real, em um entrelaçamento no qual olhares se cruzam, intencionalidades encarnam-se em gestos e as inquietações trazidas não mais estão limitadas a palavras em uma folha de papel. O presente artigo, constituído justamente a partir de um dos referidos primeiros encontros de graduandos em psicologia com um processo de psicodiagnóstico e escuta clínica, dedica-se a explorar as particularidades do diagnóstico fenomenológico e o lugar reservado à incerteza nesse processo. A pesquisa tem como base o acompanhamento clínico de Alessandra (nome fictício), mulher adulta de 31 anos encaminhada ao serviço de psicologia da Universidade de Fortaleza com suspeita de transtorno de personalidade borderline. O acompanhamento, realizado ao longo de seis meses durante o primeiro semestre de 2025, consistiu em sessões semanais conduzidas por estagiários sob supervisão docente, com utilização de entrevistas abertas, anotações, e elaboração de prontuário como principais recursos metodológicos. A partir da perspectiva da psicopatologia fenomenológica, o caso foi tratado como estudo clínico de caso único, permitindo exploração aprofundada do vivido da paciente e implicações éticas e afetivas envolvidas na escuta. A experiência de atendimento provou-se uma realização real e mobilizante da complexidade, por vezes banalizada, da categorização diagnóstica em psicopatologia, reafirmando a postulação que o diagnóstico que serve como fechamento para uma experiência ulterior é um obstáculo à clínica fenomenológica. Na tradição fenomenológica, a condição nosográfica da categoria diagnóstica mantém seu valor, no entanto, o protagonismo real reside na formação de uma atmosfera conjunta entre clínico

e cliente, que permita que a incerteza, ou dúvida, herdeira da formulação merleau-pontyana da impossibilidade de escapamento absoluto a si mesmo, funde uma clínica onde a aceitação do não-saber permita um entrelaçamento terapêutico que aflore o fenômeno. Assim, o psicopatologista Fenomenológico, há de abster-se, em certo grau, do ego meditante Husserliano, na instância em que a “auto experiência conexa” encontra no setting terapêutico um outro; de carne, palavra e gesto, cuja existência mitiga um ego isolado dos sentidos das experiências mundanas. O encontro clínico com Alessandra torna-se uma materialização da complexidade multifacetada do sofrimento humano, onde a incerteza natural ao clínico reitera o paradigma resgatado por Heinimaa, da incompreensibilidade primária no encontro com vivido adoecido do outro. E nessa instância justamente, surge o tentador impulso de agarrar-se em epifenômenos enquanto caracterizantes sintomatológicos na delimitação diagnóstica, categoria particularmente sedutora para profissionais e estudantes de psicologia. Nessa instância, resgata-se o potencial da intimidade eu-tu na relação terapêutica, que, como apontado por Stanghellini, será o palco onde se desenvolverá a possibilidade de sustento para um conhecimento psicopatológico seguro. Desenhando-se um quadro onde a condição de incerteza assumida pelo clínico, aliado a uma redução fenomenológica fundamentalmente afetiva, permita à relação nomear o incompreensível em seus próprios termos.

Palavras-chave: Psicopatologia Fenomenológica; Diagnóstico; Incerteza; Relação-terapêutica.